



Silva: queda da inflação exigirá novos sacrifícios

89 Elites ainda resistem

SÃO PAULO — Se as mudanças sucessivas nas regras do jogo provocam falta de condições para o empresário planejar, o excesso de tentativas cria um inevitável clima de apostas gerais. Uma situação limite, onde já se tenta tirar um lucro adicional sobre a novidade. Todos especulam sobre o futuro, tendo como referência a decretação de um novo choque. Não é mais um instinto apenas de defesa contra um pacote. Vai ter congelamento, supõe o empresário. Então, ele abarrotta os estoques para sair lucrando com isso. O fluxo do câmbio está ruim. Então, compra-se dólares e ouro para ganhar com uma desvalorização. Afinal, em economia, ensinam os livros, o futuro é hoje.

Isto representa, na verdade, que também os empresários e o mercado financeiro estão viciados nesse jogo de apostar com as mudanças constantes nas regras do jogo por causa da crise. Ao insistir na linha liberal, o jogo se transforma em coisa séria, principalmente para as elites brasileiras, teoricamente aqueles que deveriam defender esse conceito econômico com unhas e dentes. “Para as elites, o liberalismo só vale para os outros”, lamenta Adroaldo Moura da Silva, diretor da Silex Trading. “É que o liberalismo levado a sério implica sacrifícios para todo mundo.”

Manter juros altos, abrir a economia e liberar as regras implica em um período de dificuldades econômicas. Mas trás resultados a médio e longo prazos. “Tenho a impressão de que ouviremos falar em inflação cedendo para cerca de 25% já no final do ano”, estima Moura da Silva. Para isso, porém, haverá inevitável queda na lucratividade, redução de consumo, menos atividade econômica e aumento do desemprego. Sacrifícios maiores para todos. Na Alemanha do pós-guerra, por exemplo, as elites entraram em acordo sobre como se processar a saída para a crise. Estabeleceu-se quem acaba e quem continua, em suma, qual o motor (setor econômico) que iria puxar a retomada do desenvolvimento.

É mais ou menos o que está acontecendo hoje no Brasil. “O problema brasileiro não é excesso de consumo, mas de pouca oferta”, afirma Saulo Krichanã Rodrigues, vice-presidente de Finanças do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). “A realidade mostra que o Brasil entrou em crise quando se esgotaram as fontes para o investimento e até hoje estamos tentando encontrar um novo modelo”, acrescenta Nelson Rocha Au-

gusto, gerente do Departamento Econômico do Banco Votorantim. Mas, para se encontrar esse novo modelo, alguém sempre perde, enquanto outro ganha. É justamente nesse ponto que a tese do entendimento cerca as elites brasileiras de responsabilidades. “Nesses momentos, alguém perde”, afirma Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasipar. “E ninguém gosta.”

Crítica — “Para falar com toda a franqueza, alguns sindicatos de trabalhadores têm tido uma visão mais moderna do país do que alguns líderes empresariais”, analisa Carlos Geraldo Langoni, diretor da Fundação Getúlio Vargas. “É suicídio, por exemplo, trabalhar pela troca da equipe econômica ou defender reindexação ou congelamento. Nesse sentido, as elites empresariais do país possuem papel fundamental.” Em suma, a proposta liberal coloca sobre os ombros da sociedade uma carga maior de peso. “Não se muda sem mexer em interesses constituídos de longa data e aí há resistência, principalmente dos monopólios que têm poder de formação de preços. Um entendimento deve localizar o papel de cada um nesse processo de soluções para a crise e a elite empresarial tem grande responsabilidade”, afirma Teixeira da Costa.

É duro, por exemplo, um empresário habituado a fabricar produtos sem concorrência começar a enfrentar essa novidade. “As elites empresariais brasileiras têm que fazer uma revolução de mentalidade, no sentido de passar a conviver com uma economia de mercado, onde se privilegia a competição”, afirma Anselmo Nakatani, presidente da Furukawa Condutores Elétricos. O Chile, por exemplo, passou por uma experiência liberal e durante algum tempo empresas quebraram e o desemprego chegou a um nível insuportável. Hoje, o Chile é um exemplo na América do Sul.

“No fundo, ninguém engole remédio amargo sem dar uma cuspidinha”, admite Luiz Masagão Ribeiro, presidente da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F). “Chegou o momento de se manter o direito de espernear, mas de entrar em um acordo para não termos mais intervenção do governo.” Como diz Moura da Silva, as elites empresariais sempre resistem. “Imagine se o Carlos Menem, presidente argentino, tivesse de pedir apoio das elites locais para desenvolver seu plano liberal. Nunca teria conseguido.”